



A FINANCEIRIZAÇÃO E OS SEUS REFLEXOS SOBRE GRANDES GRUPOS

TÊXTEIS DE BLUMENAU E BRUSQUE

Sessão Temática: Dinâmicas socioeconômicas regionais

RESUMO

Este artigo analisa a financeirização de grandes empresas têxteis de Blumenau e Brusque, principais cidades do Vale do Itajaí (SC), conhecido reduto do setor têxtil nacional e cuja dinâmica social e econômica historicamente esteve atrelada a este setor. Os dados estatísticos sobre a estrutura acionária das ações ordinárias, com direito a voto, enviados à Bolsa de Valores pelas empresas de capital aberto entre o fim dos anos 1990 até 2010 foram as principais fontes usadas para entender as modificações na Cremer, Hering, Teka e Buettner. A análise observou que, em alguns casos, o capital financeiro acabou substituindo as antigas famílias no controle de empresas, como ocorreu na Cremer e na Hering. No caso da Buettner e da Teka, ele não assumiu o controle. Coincidentemente, entretanto, essas duas empresas que mais resistiram a esse processo entraram em falência e com pedido de recuperação judicial, respectivamente, em anos mais recentes.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O artigo insere-se no debate do processo de financeirização de grandes empresas têxteis de Blumenau e Brusque, utilizando como fonte principal – ainda que não exclusivamente – os dados estatísticos da estrutura acionária, sempre relacionando as modificações nas suas ações ordinárias com a história desses grupos e com as mudanças históricas mais gerais do capitalismo mundial e suas particularidades no Brasil.

Importa para este artigo a discussão teórica e histórica sobre o capital financeiro. Este foi entendido tanto por Hobson (1908) quanto por Hilferding (1910), na transição do século XIX para o XX, como a fusão dos interesses do capital industrial com o bancário, sob o domínio do segundo, de modo que esta associação proporcionaria a expansão do grande capital monopolista no mundo. O capital financeiro, portanto, não é essencialmente uma novidade dos tempos atuais, mas há entre o fim dos



anos 1960 e início dos anos 1970 seu predomínio em meio às mudanças do capitalismo global (CHESNAIS, 1994).

O avanço do capital financeiro não pode ser dissociado das contradições do modo de produção capitalista, como a superprodução e o sobreinvestimento. Sua expansão se dá a partir da liberalização do fluxo de capitais após a Segunda Guerra Mundial.

As possibilidades de transnacionalização e de financeirização do capital se abriram ainda mais com o fim dos acordos de Bretton Woods, em 1971, pela desregulamentação dos mercados. A grande empresa capitalista direcionava-se para uma internacionalização do tipo multimercado e multimoe-da, o que significava que, aliada a uma maior mobilidade do capital financeiro, faria a “relocalização” espacial e uma intensa centralização do capital em escala mundial (BELLUZZO, 2005).

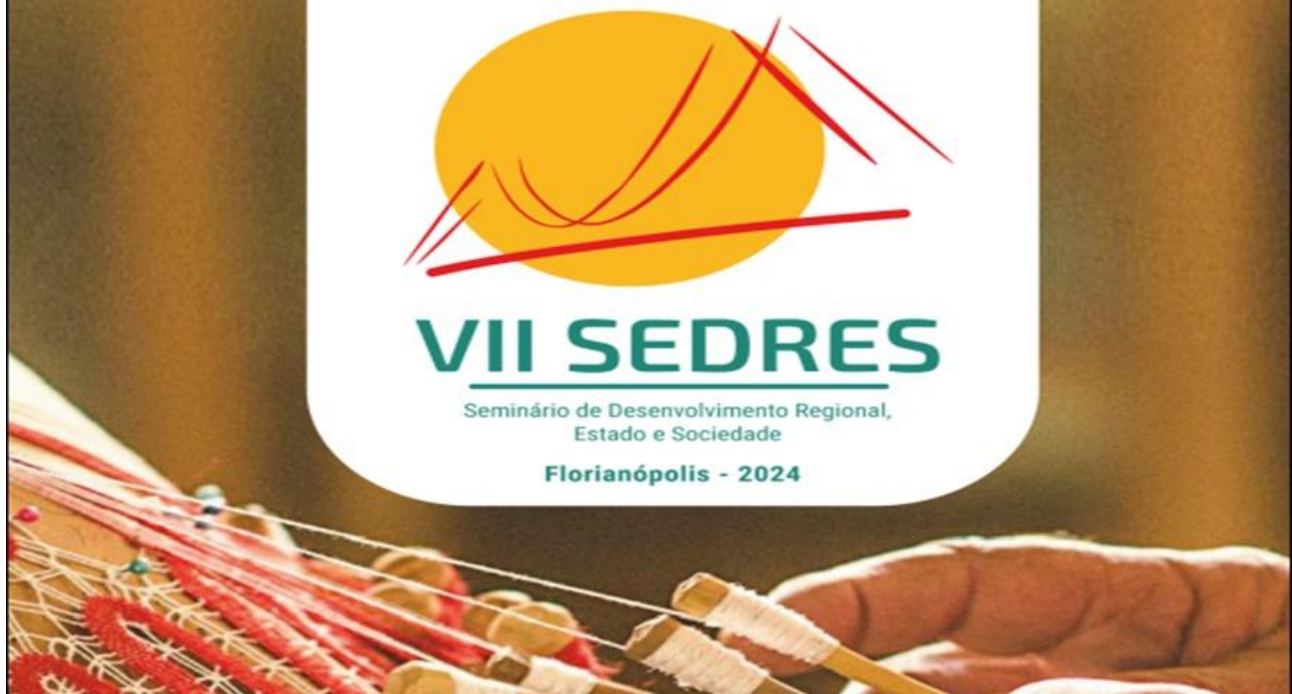
Entre os atores dessa finança liberalizada estarão os fundos de investimentos e os fundos de pensão, as seguradoras e demais empresas financeiras, que começaram a ampliar a sua parte no capital da grande empresa produtiva. A periferia e o centro serão inseridos na dinâmica capitalista, mas de maneira diferenciada (SOJA, 1989; BRANDÃO, 2007).

Países da periferia capitalista como o Brasil farão adesão ao neoliberalismo, com liberalização de fluxos comerciais, produtivos e financeiros, especialmente a partir dos anos 1990, como forma de inserção neste novo padrão de acumulação. O setor têxtil terá dificuldades de adaptação a essa nova realidade. Algumas empresas em SC ampliarão o capital financeiro em seus negócios, outras resistirão, mas isso também representará um grande problema (JURGENFELD, 2012; 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram analisadas 4 grandes grupos têxteis de SC. Empresas que antes mantinham no controle a família dos fundadores passaram a contar com o capital financeiro no comando dos negócios. Na composição acionária da empresa Hering, por exemplo, nos anos 2000, nota-se uma das mudanças mais importantes entre as quatro empresas estudadas: a fatia representativa do capital fundador/familiar caiu significativamente e passou a corresponder a 45,46%, praticamente a metade do que havia no fim dos anos 1990.

Na análise da composição acionária da Teka, os fundadores Kuehnrich são representados por duas empresas: a Monteclaro e a Cell Participações. Ainda que tenham se mantido como majoritários, na década de 2000, nota-se, pela primeira vez, a presença de fundos de investimento e de previdência



na composição de seu capital ordinário. Há o fundo de previdência do Banco do Brasil, o clube de investimento Sol, o fundo Pictet e Cie nos dados de 2005. Em 2008, observa-se também a presença adicional de um fundo do UBS.

Na Cremer, uma grande mudança se deu em 2005, quando a Merrill Lynch abriu o seu capital. Em 2010, houve um aumento de participação de diversos fundos de investimentos na estrutura acionária da empresa das ações com direito a voto: Poland Fia, Hedging Griffio, M&G e Tarpon. O acionista controlador em 2010 passou a ser o Tarpon, com 30,9%.

No caso da Buettner, na composição das suas ações ordinárias não aparecia até 2010 o capital financeiro.

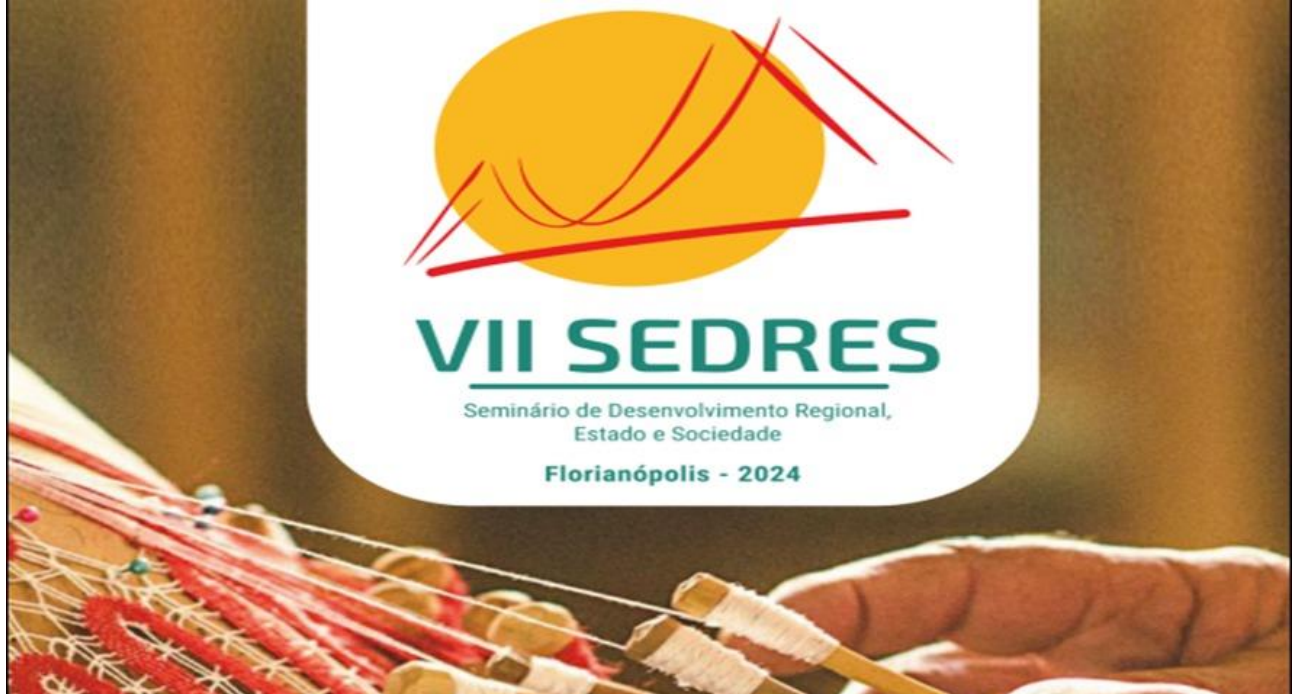
O curioso é que tanto Teka quanto Buettner, que mais resistiram ao capital financeiro no controle dos negócios, entraram em séria crise financeira. A Buettner entrou com pedido de recuperação judicial em 2011. E, posteriormente, teve sua falência decretada. Mais recentemente a Teka entrou em recuperação judicial.

RELAÇÃO COM A SESSÃO TEMÁTICA

A discussão do setor têxtil catarinense importa para o debate da dinâmica do desenvolvimento regional, em especial para as regiões que historicamente estiveram muito vinculadas a ele, como é o caso de Brusque e Blumenau. Esta pesquisa mostrou a importância que adquiriu o capital financeiro, inclusive no setor produtivo têxtil catarinense, sinalizando uma mudança estrutural no setor, com o controle saindo da região de origem dessas famílias. As modificações deste setor devem ser objeto de discussão pelo seu impacto social e econômico.

REFÊRENCIAS

- BELLUZZO, L.G.M. Prefácio. In: CHESNAIS, F. A finança mundializada. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BRANDÃO, C. Território e Desenvolvimento, as múltiplas escalas entre o local e o global. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.
- CHESNAIS, F. A (1994) A mundialização do capital. São Paulo: Editora Xamã, 1996.
- HILFERDING, R. (1910). O capital financeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- HOBSON, J.A. (1908). A Evolução do capitalismo moderno. São Paulo: Nova Cultural, 1993.



JURGENFELD, V. F. Transformações dos Grandes Grupos Têxteis de Blumenau e Brusque após 1970: a financeirização e os novos espaços de acumulação. Dissertação de Mestrado. Instituto de Economia da Unicamp. Campinas, 2012.

JURGENFELD, V. F. Financeirização e novos espaços de acumulação: um estudo das transformações da Hering após 1960. Revista História Econômica & História de Empresas, vol. 21, n. 2, 2018.

SOJA, E. (1989). Geografias pós-modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.